

Experiência escolar de jovens / alunos do ensino médio: Os sentidos atribuídos à escola e aos estudos

Débora Tereza Góes Oliveira

Professora de Educação Física do Instituto Estadual de Educação

Este relato apresenta um fragmento de estudos de alunos jovens do Ensino Médio ano de 2014.

Esta análise afirma que a escola tem um instrumento importante para buscar novos resultados sobre a experiência escolar de jovens/alunos em uma escola pública de Ensino Médio. Visou-se investigar principalmente as relações desses jovens com os saberes propiciados pela instituição escolar e suas interpretações sobre o trabalho realizado para a apropriação desses saberes.

Os jovens alunos iniciam o ensino médio com uma imagem positiva da escola, que apesar disso a experiência escolar não possibilita a compreensão de aspectos positivos das relações dos saberes. As relações de sociabilidade construídas na escola sendo que os modos como vivenciam tais desafios não são homogêneos: para alguns, o dispêndio de energia ocorre porque querem ser reconhecidos pelos colegas; para outros, o maior desafio é transpor as dificuldades nos estudos. De qualquer modo os jovens buscam atribuir sentidos para esta etapa de escolarização. Sendo assim percebe-se a importância dos docentes trabalharem as disciplinas viabilizando o trabalho educativo do ensino médio.

É relevante destacar que a instituição tem um papel importante para os alunos e para suas famílias, uma imagem que remetia o ensino de qualidade e à capacidade de cumprir o seu papel de preparar os jovens no sentido de propiciar um bom lugar na sociedade, um emprego valorizado e a entrada na faculdade. Tendo este aspecto um ponto de partida, os docentes precisam ser o principal motivador do discente no ensino médio.

Partindo do pressuposto que um dos grandes desafios para instituição escolar na atualidade é propiciar o diálogo entre as experiências dos jovens estudantes e os saberes escolares. Essa concepção de diálogo aproxima-se daquela apresentada por Paulo Freire (1987): “somente o diálogo que implica o pensar crítico e capaz também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há uma verdadeira educação” (p.83).

O diálogo pressupõe a interação entre sujeitos em um espaço compartilhado no qual cada um expresse seus pontos de vista, reconheça a existência de outras perspectivas de análise para os mesmos assuntos e tenha predisposição para refletir sobre o que o outro pensa.

Conforme afirma Bernard Charlot (2001) um jovem em condição não favorável pode ser resistente ou passivo em relação dos saberes escolares e adotar, fora da escola “comportamentos que apresentam certa complexidade e que supõe aprendizagens aprofundadas” (p.17). Possuir uma relação com o saber sendo esta uma relação de sentido, de valor entre um indivíduo (ou em grupo) e os processos ou produtos do saber. (CHARLOT; BAUTIER; ROCHEX, 1992; LOMÔNACO, 2003).

Portanto, para Charlot (2005), “a relação com o saber é uma relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender” (p. 45). Para compreender essa relação de sentido, é necessário analisar como se opera a conexão entre sujeito e saber, conceber esse sujeito como um ser e social, bem como tratar essa conexão a partir de uma perspectiva dialética entre sentido e eficácia.

A instituição junto com os profissionais é movida por relações sociais com as quais o aluno se constitui a apreender a ser relacionar consigo mesmo. É necessário analisar como se opera a conexão do desenvolvimento escolar no ensino médio em sua totalidade e neste contexto a interlocução de relações interpessoais, e demanda do planejamento de reflexões de identidade, cidadania, ética, convivência e valores, temas que auxiliam os alunos em sua formação para a vida. Tais temáticas podem ser exploradas por meio dos

Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), nos quais insere o ensino de valores.

Portanto, consideramos que a relação do saber e construída a partir dos desafios com as quais a Educação Física encontra os diferentes tipos de saberes cognitivos e motores, podendo assim relacionar o dia-dia do aluno pode-se afirmar que os pais dos jovens não estão presentes na vida escolar dos filhos assim procuram escolas centrais, distante de seus bairros, como estratégia para propiciar maior oportunidade aos filhos. Tais jovens pertencem às famílias de camadas menos favorecidas da população, mas não são paupérrimos. Eles valorizam atividades artísticas e esportivas, de modo que realizam ou gostariam de realizar esse tipo de atividade; no entanto, geralmente, seus pais não têm dinheiro para custear as atividades juvenis a que seus filhos gostariam de ter acesso.

A maioria dos jovens tem uma história de escolarização anterior sem problemas, o que levou os pais a investirem na estratégia de colocar o filho ou a filha em uma escola distante, bem conceituada em relação às demais. Identificam-se, em uma mesma família, escolhas diferentes dos pais para as escolas de seus filhos, a partir do argumento de que há diferentes capacidades e interesses de cada filho em relação aos estudos. Além disso, os pais desses jovens geralmente trabalham e procuram propiciar-lhes um período de moratória breve (GALVÃO; SPOSITO, 2004). Tal moratória é vivida como uma espécie de preparação para o trabalho; não se trata de uma moratória no sentido empregado por Helena Abramo (2005), como um período no qual os jovens podem viver plenamente sua juventude, afinal, eles sofrem as restrições de sua condição econômica e social. Como moram em bairros periféricos, considerados violentos por suas famílias, têm uma vida social restrita, com poucas oportunidades para participarem de grupos ou organizações culturais. Portanto, esperam ter acesso, na escola, aos saberes e a um espaço de sociabilidade para viverem suas juventudes.

Os jovens apresentam uma tendência de formar grupos espontâneos de pares, nos quais se tornam importante para a geração de símbolos de identificação e laços de solidariedade. Estes grupos de pares fazem parte de

um processo de independência e diferenciação da família de origem numa busca por autonomia de elaboração de uma identidade própria.

“[...] eles revelavam um pensamento mágico. Eles oscilam entre uma ausência de projetos de futuro e a formulação de projetos irrealistas. [...] Eles querem entrar na verdadeira vida, viajar, deixar o bairro [...] [Para eles] é suficiente querer as coisas para que elas aconteçam, [...] [Há um] sentimento de separação entre a escola e a vida.”

A consciência destes jovens nos meios populares está centrada no meio de relações com os outros, que elas permitem ou exigem e não sobre a construção de um eu reflexivo (je réflexif), muito reticente em afirmar e mostrar uma constância identidade.

É fundamental compreender o alcance das atividades que a escola propicia aos jovens. No caso dos estudantes este relato mostra o cotidiano dos alunos e sua importância do diálogo entre os professores para o desenvolvimento do ensino aprendizagem apontando a responsabilidades das práticas educativas da escola em tal processo.

Referências

BIARNÈS, Jean. Universalité, diversité e sujet dans l'espace pédagogique. Paris: L'Harmattan, 1999.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio 1996.

CHARLOT, Bernard; BAUTIER, Elisabeth; ROCHEX, Jean-Yves. École et savoir dans les banlieues... et ailleurs. Paris: Armand Colin, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.